

O MORFEMA DE GRAU: SUFIXO FLEXIONAL OU DERIVACIONAL?

Antônio José Sandmann

1. Introdução:

Através da presente exposição propomo-nos a lançar algumas luzes sobre a questão formulada no título acima: se o morfema de grau, tanto o aumentativo como o diminutivo dos substantivos ou o superlativo dos adjetivos - sem excluir o aumentativo e diminutivo, mais raro, dos adjetivos (*bonito - bonitão - bonitinho*), o superlativo, *raríssimo*, dos substantivos (*coisa - coissíssima*), nem o diminutivo, da linguagem familiar, dos advérbios (*perto - pertinho*), ou verbos (*dormindo - dormindinho*), raro também - é um sufixo flexional ou um sufixo derivacional, ou em outra terminologia, se se enquadra entre os afixos (sufixos) ou entre as flexões (desinências). Antes de mais nada diríamos, antecipando o que mais tarde se pretende mostrar melhor, que a sufixação flexional é a aposição de morfemas e lexemas (raízes ou radicais) para efeito de concordância das palavras dentro do sintagma, enquanto sufixação derivacional é a adjunção de morfemas a lexemas para a formação de novas palavras, diferentes, e de outra série paradigmática ou subparadigmática.

2. O morfema de grau na gramaticologia portuguesa:

2.1 Para alcançar o que se pretende, poderíamos ver como a matéria foi considerada dentro da gramaticologia portuguesa, no que nos vemos, naturalmente, na contingência de considerar

apenas alguns autores.

2.2 Eduardo Carlos Pereira, em sua "Gramática Expositiva" (edições 12a., de 1921, e 92a., de 1954, pág. 60 e 79-80, respectivamente), diz: "Estas oito categorias gramaticais classificam-se em dois grupos, quanto à flexão, isto é, quanto à propriedade de variarem ou não em sua desinência para indicarem os acidentes da idéia por elas expressada. Esses acidentes são de grau, gênero, número, caso, modo, tempo e pessoa." Perdura aqui ainda a doutrina gramatical clássica, baseada na filosofia aristotélica, de que os lexemas seriam substâncias que se apresentam sob diversas formas acidentais, as flexões. As "oito categorias gramaticais" de que se fala, são o que hoje chamamos de *classes de palavras*, e o nome *categorias gramaticais* se reserva agora ao que então se chamavam os *acidentes*. Do exposto e do trato que o autor dá à matéria em outras partes de sua obra, conclui-se que não fazia uma divisão clara entre sufixo flexional e sufixo derivacional, pois para ele a *flexão* é "a propriedade de (as palavras) variarem em sua desinência para indicarem os acidentes" e "o estudo da *flexão* compreende também os *suffixos derivativos*". E o que mais interessa ao presente estudo, isto é, a flexão de grau, esta se acha no mesmo rol das desinências de gênero, número, caso, modo, tempo e pessoa, e em outro rol estão os sufixos derivativos, também chamados flexões.

2.3 Said Ali é o segundo autor que examinaremos sob o aspecto que nos interessa. E o faremos através da "Gramática Histórica da Língua Portuguesa" e da "Gramática Secundária da Língua Portuguesa", Edições Melhoramentos, 1964. Diz-nos Said

Ali: "No exame das palavras verifica serem estas geralmente formadas de duas partes: o *radical*, parte mais ou menos estável e de significação própria, e *afixos*, elementos variáveis, de significação relativa, isto é, de valor semântico somente na combinação com o radical". E adiante: "Os sufixos, divididos em prefixos, sufixos, terminações e desinências, dão ao vocáculo a diversidade de formas ("Gramática Histórica", pág. 53).

Afixos seriam todos os morfemas que, na economia da língua, se juntam ao lexema para a formação de novos vocábulos. No entanto, embora se depreenda da lição do autor sobre a formação das palavras ("Gramática Secundária", pág. 107 e seguintes) que os prefixos e sufixos são os elementos com que se formam novas palavras por derivação - e nesse processo inclui o aumentativo e diminutivo dos substantivos e adjetivos, mas dele exclui o superlativo dos adjetivos - não se obtém uma idéia clara sobre o que sejam "terminações" e "desinências". Quando distingue o infinito pessoal do impersonal fala em infinito flexionado e desinência pessoal. Referindo-se ao plural e superlativo dos adjetivos, refere-se a um sufixo *-es* e *-íssimo*. O nome *terminação* é empregado tanto para os morfemas *-aço*, *-aça*, *-az* (aumentativos), *-ote*, *-ola*, *-acho* (diminutivos), para o morfema nominal *-a* (feminino), como para os segmentos finais *-es*, de *simples*, *-em*, de *virgem*, *-um* de *comum*, etc. Todavia, apesar dessa falta de precisão terminológica - percebe-se que fazia falta uma designação como *morfema*, aplicável a todas as unidades mínimas significativas - Said Ali distingua claramente a sufixação derivacional da flexional, incluindo naquela os aumentativos e diminutivos de substantivos e adjetivos e excluin-

do da mesma o superlativo "intensivo" sintético dos adjetivos.

2.4 Mansur Guérios, em "Português Ginásial" (Editora Saraiva, 11a. edição, 1964), obra que, ostentando embora o título modesto de "ginásial", tem a mesma abrangência de tantas outras gramáticas ditas não seriadas, apresenta a matéria em análise de modo muito claro e dentro, basicamente, daquilo que nos propomos a mostrar posteriormente. "Desinência é a terminação de vocábulo ou de sufixo, que indica, nos substantivos e adjetivos, o gênero e o número, e, nos verbos, a pessoa, o número, o tempo e o modo. Também se chama flexão" (pág. 321). O morfema de grau não está incluído aí, pois, à pág. 206 e seguintes, onde se estuda a derivação por prefixo e sufixo, estão incluídos os aumentativos e diminutivos dos substantivos, e, às págs. 39, 40 e 41, quando desenvolve o grau do adjetivo, admite grau aumentativo e diminutivo nos adjetivos (*bonita - bonitinha - bonitona, alto - altinho - altão*); alude à possibilidade de se formar o superlativo dos adjetivos por meio de prefixos: *arquivelho, extrafino, revelho, sobreagudo, superfino, ultrademocrático* (veja-se o paralelismo entre *superelegante - prefixação - e elegantíssimo - sufixação -*), e dos adjetivos no grau superlativo diz textualmente: "superlativo absoluto sintético (uma só palavra, isto é, com os sufixos *-íssimo, -ímo, -érrimo*) *-altíssimo, facilímo, celebérximo, etc.*" Esta posição é exatamente a que Mattoso Câmara defende em "Estrutura da Língua Portuguesa" (Editora Vozes Limitada, 1970, pág. 71 e ss.), no cap. X "O Mecanismo da Flexão Portuguesa". Antes, porém, de analisarmos a doutrina deste autor, vejamos ainda mais outras gramáticas para ver quão diferentes podem

ser as afirmações a respeito do assunto.

2.5 Há uma gramática por aí, a "Gramática Metódica da Língua Portuguesa", de Napoleão Mendes de Almeida, cujo sucesso só pode ser devido ao despreparo e à falta de formação lingüística mais acurada de grande parte dos que se põem a ministrar aulas de língua nacional aos nossos alunos. No presente estudo temos por base a 13a. edição, 1961, da Editora Saraiva.

Depois de tanto progresso alcançado na análise morfológica de nosso idioma, lemos, na "Metódica", afirmações como estas: "Dos poucos exemplos acima (*macaco - macacão - macaquinho, homem - homenzarrão - homenzinho, muro - muralha -murinho*), vemos serem diversas as *desinências, terminações ou sufixos graduais*". "Pois bem, possuímos em nosso idioma diversas *desinências* que, acrescentadas no radical dos substantivos, podem especificar o tamanho da coisa que eles designam" (pág. 117). "Duas são as flexões de grau do adjetivo: a comparativa e a superlativa. Dizendo: Pedro é estudioso, atribuímos ao indivíduo Pedro uma qualidade, expressa normalmente. Dizendo: Pedro é mais estudioso, reforçamos a qualidade, elevando-a a um maior grau; o adjetivo passa para o grau comparativo. Dizendo, por último: Pedro é estudosíssimo, reforçamos ainda mais a qualidade, elevando-a ao último grau, ao grau máximo, e o adjetivo, então, está no grau superlativo" (pág. 134). Para Napoleão Mendes de Almeida tudo é flexão, até comparativos, sempre analíticos ou frásicos, como: *tão esperto como, mais esperado que, menos esperto que*; ou o superlativo relativo, sempre analítico: *o mais esperto*; e o superlativo absoluto analítico: *muito esperto*. Bem sabemos que, para Hockett (vide o verbete

flexão, do "Pequeno Dicionário de Linguística Moderna", de Francisco da Silva Borba, 1971), a flexão pode ser por afixo ou frásica. Exemplo daquela temos no inglês *nearest* e desta em *most difficult*. Mas aqui temos uma diferenciação clara entre os dois processos e em Napoleão não se faz distinção.

O estudo do gênero dos substantivos, para citar outro exemplo, recebeu simplesmente a denominação flexão genérica, e debaixo deste título é estudado todo o capítulo da formação e indicação do gênero dos nomes substantivos em português: a) mediante desinência: *filho* - *filha*, *doutor* - *doutora*; b) mediante sufixo: *barão* - *baronesa*, *herói* - *heroína*; c) mediante aposição do artigo: *o artista* - *a artista*; d) mediante locução: *a cobra macho* - *a cobra fêmea*, *o jacaré macho* - *o jacaré fêmea* (o autor prefere *a cobra macha* - *a cobra fêmea*, *o jacré macho* - *o jacaré fêmeo*) ou *o macho da cobra* - *a fêmea da cobra*; f) mediante heteronímia: *homem* - *mulher*, *bode* - *cabra*, etc. E poderíamos multiplicar os exemplos em que são baralhados os conceitos de desinência e sufixo ou do que chamaríamos, para maior clareza, *suffixo flexional* e *suffixo derivacional*.

2.6 Já em Portugal, segundo o "Compêndio de Gramática Portuguesa" (para o segundo ciclo do Ensino Liceal), de José Nunes de Figueiredo e Antônio Gomes Ferreira (Livraria Sá da Costa Editora, 3a. edição, 1968), temos uma distinção clara entre ambos os conceitos. Reza a obra dos professores-metodólogos de Coimbra e Lisboa: "A desinência é a letra ou letras que se juntam ao tema, para exprimir diversas noções acrescentadas à ideia por ele significada: *leitor* - *leitora* (noção de feminino), *leitor* - *leitores* (noção de número). As desinências, nos nomes,

indicam o número e o gênero e, no verbo, o número e a pessoa" (pág. 88). Estranhamos na definição o "letra ou letras", mas apraz-nos ver que o morfema de grau foi excluído. Este, conforme os mesmos mestres, é sufixo: "Chama-se aumentativo a forma do substantivo que indica aumento; esta forma obtém-se com o acrescentamento dos sufixos: -aço (ricaço, senhoraço)..." (pág. 107). O mesmo é dito do morfema de diminutivo dos substantivos e do "superlativo absoluto simples" dos adjetivos. Em resumo, reservam eles o nome genérico de flexão aos morfemas de gênero, número e grau dos substantivos e adjetivos, e de número e pessoa dos verbos, sendo a flexão de grau um sufixo (sufixo derivacional), e as demais, desinências (sufixos flexionais ou desinências).

2.7 Voltando ao Brasil e até bem perto de nós, temos a "Gramática Construtural da Língua Portuguesa", de Eurico Back e Geraldo Mattos (Editora F.T.D., S.A., 1a. edição, 1972). Sem nos adentrarmos muito nos vários aspectos renovadores e válidos da doutrina desses mestres paranaenses, reportamo-nos ao capítulo 5º "Construtura do Vocabulário", analisando alguns itens que interessam ao presente estudo.

Defrontamo-nos, inicialmente, com uma classificação diferente dos morfemas. O que chamamos de *sufixos derivacionais*, excetuando os de grau, constituem *raízes substantivas, adjetivas ou verbais*, segundo se aponham à direita do raio de menção (lexema) para formar substantivos, adjetivos ou verbos: *pobre - pobreza* (*pobre*, raiz adjetiva, passa a raio de menção e *-eza* é a raiz substantiva, porque *probreza* é substantivo gráças ao morfema *-eza*, sendo este elemento, portanto, o eixo, o

centro da palavra); *Paraná* - *parana* + *ense* (*Paraná*, raiz substantiva, passa a raio de menção e *-ense* é a raiz adjetiva); *suave* - *suav* + *iza* + *r* (*suave*, raiz adjetiva, torna-se raio de menção, *-iza* é a raiz verbal e *-r*, sufixo (desinência). Os morfemas, portanto, que podem ocupar o eixo (o sol ou centro) do vocáculo ou o raio de menção são as raízes. Os demais raios são os afixos. Estes se subdividem em prefixos, quando antecedentes, e sufixos, quando conseqüentes. Os afixos chamam-se também flexões e são ditas flexões *facultativas* (o prefixo, também chamado raio de declaração, e o sufixo de grau) ou *obrigatórias* (o gênero e o número nos adjetivos, e pessoa "em algumas formas verbais").

Os ocupantes do raio de menção não são todos os nossos tradicionais prefixos gregos, latinos e vernáculos, mas tão só o "zero", morfema positivo, como em "zero"+*moral* (adj.), por exemplo, o /dez-/ e seus alomorfes, morfema negativo, como em *i* + *moral*, e o /a-/ morfema neutro, de *a* + *moral*, p. ex. O morfema de grau é sufixo de 1a. ordem porque precede o morfema de gênero (sufixo de 2a. ordem), o qual é seguido, por sua vez, do de número (sufixo de 3a. ordem), e é facultativo porque sua ausência não é significativa: não há o morfema "zero" de grau. E é a este ponto que queríamos chegar no estudo do morfema de grau, segundo a "Gramática Construtural". Tanto o morfema de grau como os de gênero, número e pessoa seriam sufixos porque vêm após o eixo do vocáculo e porque com eles não se formariam palavras novas como sucede com as raízes substantivas, adjetivas e verbais: *magno* - *magnitudo*, *gramática* - *gramatiqu* + *ice*, *Lisboa* - *lisbo* + *eta*, *amarelo* - *amarel* + *ece* + *r*. Em gramática-

gramatiquice, embora tenhamos dois nomes substantivos, os mesmos são diferentes, têm sentido diferente, têm traços semânticos diferentes, pertencendo, portanto, a séries subparadigmáticas diversas.

Como bem observaram, no entanto, os autores da "Construtural", o morfema de grau é facultativo; sua ausência não é significativa, como é significativa a falta do -s no singular *falava* + "zero" (*livros* = plural), ou na 1a. e 3a. pessoas do singular *falava* + "zero" (*falavas* = 2a. pessoa do singular) do pretérito imperfeito do indicativo, ou ainda a ausência do -a no masculino *doutor* + "zero" (*doutora* = feminino). E aqui nos parece que pouco divergem as posições assumidas por Mansur Guérios ou Mattoso Câmara, por exemplo, e pela "Gramática Construtural". O sufixo derivacional e o sufixo flexional daqueles distinguem-se exatamente como se distinguem os ocupantes do morfema de grau e os ocupantes dos morfemas de gênero e número dos nomes e de pessoa dos verbos desta por serem facultativos uns e obrigatórios outros. Ou, em outros termos, Mansur Guérios e Mattoso Câmara não põem o morfema de grau entre as desinências ou sufixos flexionais porque não são obrigatórios.

2.8 Se não, vejamos o que diz Mattoso Câmara no livro e capítulo já citados, às págs. 71 e ss. Citando o gramático latino Varrão (11 a.C. - 26 a.C.), diz Mattoso Câmara que o mesmo "distinguia entre *derivatio voluntaria*, que cria novas palavras, e a *derivatio naturalis*, para indicar modalidades específicas de uma determinada palavra". A derivação é voluntária por não ser um sistema rígido, fechado. De saltar, por exemplo, posso formar saltitar, o que não se dá com *pular* e *andar*.

Veja-se, para comparação, as formas verbais *saltei*, *pulei* e *andei*, das quais não posso fugir se quiser expressar a pessoa que fala (la.pessoa do discurso), o tempo passado e o aspecto incluso. Por outro lado, de *falar* formo *fala*, de *passar*, *passagem* de *preterir*, *preterição*, de *esquecer*, *esquecimento*, etc. A esta formação livre de substantivos a partir de raízes verbais compare-se a coerência e a rigidez das formas da la. pessoa do singular do presente do indicativo dos mesmos verbos: *pretir-o*, *pass-o*, *esqueç-o*, *fal-o*.

Os diminutivos e aumentativos dos substantivos e o superlativo dos adjetivos, por sua vez, não são de emprego obrigatório da parte do falante, pertencendo, em geral, mais à estilística do que a gramática pelas conotações de apreço ou menosprezo que acrescentam. Observe-se, por exemplo, o emprego coloquial recente da terminação *-érrimo* (*bacanérrimo*, *animadérrimo*, *elegançérrimo*), alomorfe do sufixo de superlativo dos adjetivos, antes reservado só a certos adjetivos que tinham determinada terminação em latim (*célebre* - *celebérrimo*, *acre-acérrimo*). A mesma liberdade não há com o sufixo flexional. O contexto da frase dirá se devemos usar o plural ou o feminino de um adjetivo para fazê-lo concordar com o substantivo que determina, ou se o verbo está em determinado número e pessoa para se adaptar ao sujeito da frase. Pela sufixação derivacional criam-se constantemente novos termos, amplia-se o léxico, pois que entre um vocábulo derivado e os demais vocábulos similares derivados há es se tipos de "relações abertas": *quadrinizar* (adaptar aos quadrinhos), *globalizar*, *globalizante*, *globalização*, *problematicidade*, *essencialidade*, *presentificar*, *objetificação* são exem-

plos colhidos de um recente artigo de crítica literária. Não há essa ampla possibilidade de formar vocábulos novos ou dar novamente vida aos mesmos para as necessidades da expressão com os sufixos flexionais. Estes são séries fechadas. Não se pode inovar. Não se pode acrescentar, por exemplo, uma desinéncia nova ao vocáculo *lobo* ou ao verbo *levar*.

Concluímos a análise do pensamento de Mattoso Câmara com a seguinte citação (pág. 73): "Na realidade o que se tem com os superlativos é uma derivação possível em muitos adjetivos, como para os substantivos há a possibilidade dos diminutivos e para alguns (não muitos) a dos aumentativos. Anote-se a propósito que o conceito semântico de grau abrange tanto os superlativos como os aumentativos e diminutivos. Por isso, Otoniel Motta considerou aumentativos e diminutivos uma "flexão" dos substantivos, pelo exemplo dos superlativos (Motta), porque não ousou considerar os superlativos uma derivação, como são muito logicamente considerados aumentativos e diminutivos por toda gente. Em outros termos. A expressão de grau não é um processo flexional no português, porque não é um mecanismo obrigatório e coerente, e não estabelece paradigmas exaustivos e de termos exclusivos entre si."

3. Conclusão

Nossa conclusão primeira seria que pouco há a acrescentar sobre o assunto, pois o que se tinha a dizer foi dito a propósito dos comentários sobre a doutrina dos vários autores. Restar-nos-ia, então, mais propriamente, um resumo de tudo que se disse. A sistemática, a rigidez e a coerência do sufixo flexional de gênero e número dos nomes, e de número e pessoa, modo

e tempo dos verbos, impede-nos de incluir nele o sufixo de grau. Veja-se, para ilustração, a situação do artigo e do adjetivo nos sintagmas nominais seguintes: *o heróico soldado*, *a formosa donzela*, *os altos rédios*, *as delicadíssimas damas*, ou dos verbos, nos sintagmas oracionais: *quero que você estude*, *e queria que você estudasse*. Os adjetivos, subordinados aos substantivos que determinam, e em íntima coesão com os mesmos, concordam com eles em gênero e número. Os verbos, por sua vez, concordam todos com os seus sujeitos em número e pessoa e, além disso, os das orações subordinadas estão em correlação de tempo e modo com os das principais, o que também é uma forma de coesão. A esses fatos se compare o seguinte: Se alguém quiser expressar, por exemplo, o extremo grau de velhice de alguém ou de alguma coisa, terá inúmeros recursos à sua escolha: poderá dizer, v. g., *muito velho*, *velhíssimo*, *ultravelho*, *revelho*, *extravelho* (propaganda de conhaque), *supervelho*, *arquivelho*, *muitíssimo velho*, *bastante velho*, *bastantíssimo velho*, *tremendamente velho*, *extremamente velho*, *velho velho*, *velhinho velhinho*, *velho a mais não poder*, etc. sem esquecer que *velho* também admite o aumentativo *velhagas* (homem muito velho) ou *velhão*, e os diminutivos, de matizes semânticos variados: *velhote*, *velhusco*, *velhastro* e *velhinho* (já citado).

De outra parte, se incluímos o sufixo de grau entre os sufixos derivacionais, ele não deixa de ser um sufixo derivacional "sui generis", mormente o superlativo dos adjetivos. Expliquemos: Com os sufixos derivacionais podemos, em geral, formar derivados que pertencem a outra classe de palavras: *brasa* (subst.)-*brasil* (adj.) - *Brasil* (subst.)- *brasileiro* (subst.).

e adj.) - *brasileirismo* (subst.) - *abrasileirar* (verbo) - *abrasileiramento* (subst). E mesmo que o derivado seja da mesma classe de palavras, ele tem sentido diferente, tem traços semânticos muito distintos: *caju* (a fruta) - *cajueiro* (a planta), *hóspede* (a pessoa) - *hospedaria* (a casa que recebe o hóspede). Com o sufixo de grau, menos ainda com o superlativo do que com o aumentativo e diminutivo, as possibilidades de derivar, de "desviar", são bem menores. Fica-se sempre na mesma classe, indicando o menor ou maior tamanho ou a predicação em menor ou maior intensidade: *sala* - *salinha*, *faca* - *facão*, *bonito* - *bonitinho* - *bonitão*, *belo* - *belíssimo*, *fácil* - *facílimo*, *escrever* - *escrevinhar*, *saltar* - *saltitar*, *cedo* - *cedinho*.

Bibliografia Citada

- Mansur Guérios, Rosário Farani, "Português Ginasial", Editora Saraiva, S. Paulo, 11a. edição, 1964.
- Mattoso Câmara Jr., Joaquim, "Estrutura da Língua Portuguesa", Editora Vozes Limitada, Petrópolis, 2a. edição, 1970.
- Back, Eurico e Mattos, Geraldo, "Gramática Construtural da Língua Portuguesa", Editora F.T.D. S.A., São Paulo, 1a. edição, 1972.
- Pereira, Eduardo Carlos, "Gramática Expositiva": a) Seção de Obras de "O Estado de São Paulo", São Paulo, 12a. edição, 1921; b) Companhia Editora Nacional, São Paulo, 92a. edição, 1954.
- Said Ali, Manuel de, "Gramática Histórica da Língua Portuguesa", Edições Melhoramentos, São Paulo, 1964.

- Said Ali, Manuel de, "Gramática Secundária da Língua Portuguesa", Edições Melhoramentos, São Paulo, 1964.
- Mendes de Almeida, Napoleão, "Gramática Metódica da Língua Portuguesa", Edição Saraiva, São Paulo, 13a. edição, 1961.
- Figueiredo, José Nunes de, e Ferreira, Antônio Gomes, "Compêndio de Gramática Portuguesa", Livraria Sá da Costa Editora, Lisboa, 3a. edição, 1968.